



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

**Aspectos da religiosidade romana no século II: comparação de noções de salvação
no cristianismo primitivo e no culto de mistério isíaco através das obras *Diálogo*
com Trifão de Justino Mártir e *Metamorfoses* de Apuleio**

Gabriel Dantas Martins

Brasília - DF

2025

Gabriel Dantas Martins

**Aspectos da religiosidade romana no século II: comparação de noções de salvação
no cristianismo primitivo e no culto de mistério isíaco através das obras *Diálogo*
com Trifão de Justino Mártir e *Metamorfoses* de Apuleio**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Artigo Científico apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka

Data de defesa: 13/02/2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka (UnB)

Prof. Me. Rodrigo Carvalho Silva (externo)

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes (interno)

Brasília - DF

2025

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus pai e ao seu filho Jesus Cristo, sempre comigo, cuja possibilidade de história antiga pude conhecer um pouco mais ao longo dos estudos para a elaboração deste singelo trabalho final. Gratidão devo aos meus pais Fátima e Francisco, ao meu irmão Edriel e aos meus velhos amigos da Fundação Bradesco pelo incentivo, respeito e carinho de sempre. Um agradecimento vital deve ser concedido à cultura pop de forma geral: obras atemporais como *Pica Pau*, *Tom e Jerry*, *X-Men: Evolution*, *Os Cavaleiros do Zodíaco* e infinitas outras permitiram com que eu, ao longo do tempo, desenvolvesse noções voltadas a diversos temas de História Antiga e Arqueologia (em especial, porém não exclusivamente, de Egito e Grécia, com o trabalho em si ambientado no contexto do Império Romano como resultado da ampliação da gama de interesses), possibilitando o ressurgimento do interesse nesses temas no findar do ensino médio. Agradeço à União Pioneira de Integração Social (UPIS), local no qual comecei o curso de História e permaneci por um ano e meio antes de me transferir para a UnB, lembrada aqui na figura da senhora Simone (que, trabalhando temporariamente na secretaria, recebeu a mim e a minha mãe no começo de 2018 e articulou junto ao financeiro da instituição um propício desconto que vigorou até a transferência) e na figura do professor Sérgio, responsável pelo primeiro contato com o ofício de historiador através da disciplina *Introdução aos Estudos Históricos*. Meus agradecimentos, aos bons em específico, motoristas e cobradores de ônibus (cobrador Seu Altelino do 0.339, em 2019, os representa aqui como um todo) pelo essencial serviço prestado e pela cordialidade. Agradeço imensamente ao meu orientador professor Vicente por me ajudar, em sua eloquência docente e erudição, na definição do tema, na escrita (principalmente por me alertar quanto à ausência de uma salvação da alma em Justino ser oriunda de sua distância do platonismo) e pela paciência com os prazos da pesquisa. Finalmente aos antigos, independente de sua procedência temporal e geográfica e de definições hodiernas, agradeço por possibilitarem a um sujeito imbuído de inclinações henoteístas aventar, mesmo que de forma modesta, pensar alguma coisa hoje que ilustre o que eles, em aspectos de complexidade muito aquém do puro maniqueísmo, desempenharam naqueles remotos tempos. A tudo e a todos, enfim, meu muito obrigado.

Aspectos da religiosidade romana no século II: comparação de noções de salvação no cristianismo primitivo e no culto de mistério isíaco através das obras *Diálogo com Trifão* de Justino Mártir e *Metamorfoses* de Apuleio

Gabriel Dantas Martins

Resumo

O presente artigo procura compreender como aspectos soteriológicos foram percebidos dentro do culto cristão e do culto isíaco na segunda metade do século II. Para responder a esse questionamento procuro realizar um panorama do cenário religioso relativo a ambos os cultos no segundo século e uma análise comparativa das percepções de dois dos autores mais importantes do período, Justino e Apuleio, em suas obras *Diálogo com Trifão* e *Metamorfoses* respectivamente.

Palavras - chave: Império Romano; religiosidade; Justino Mártir; Apuleio; cultos de mistério; Ísis; cristianismo primitivo.

Abstract

This article seeks to understand how soteriological aspects were perceived within the Christian cult and the Isiac cult in the second half of the second century CE. In order to answer this question, I try to provide an overview of the religious scenario concerning both cults in the second century and a comparative analysis of the perceptions of two of the most important authors of the period, Justin and Apuleius, in their works *Dialogue with Trypho* and *Metamorphoses* respectively.

Keywords: Roman Empire; religiosity; Justin Martyr; Apuleius; mystery cults; Isis; early christianity.

Introdução

A história romana antiga foi permeada de fenômenos religiosos que inspiraram os pensamentos e ações dos romanos ao longo dos séculos. Aos cultos tradicionais, como o de Júpiter ou o da própria *Dea Roma*, foram acrescidas novas formas de religiosidade a partir do século III AEC como resultado das incursões pelo Mediterrâneo e do contato cada vez mais frequente com o mundo helenístico. Tais contatos tornaram possível o surgimento de novas percepções e adaptações dos cultos dos “bárbaros”, que somaram-se ao já significativo panteão romano e se diversificaram de forma notável no período imperial.

Entre os muitos cultos nomeadamente “orientais” (isto é, localizados geograficamente nas províncias romanas a Leste) destacam-se dois tipos: o cristianismo (ou “cristianismos”, se se considerar as manifestações de tipo gnóstico) e os cultos de mistério. Uma parte importante da historiografia sobre a “religião” no Império Romano, entretanto, estuda ambos os fenômenos de forma pouco conectada e, quando o faz, costuma relegar as análises aos séculos III e IV, momento onde já se é possível pensar em uma igreja cristã propriamente dita e do qual se dispõe de um *corpus* documental significativamente mais abrangente. Parte importante desse tipo de análise pode ser encontrada, por exemplo, no capítulo de conclusão do livro de Turcan (2000). A ocorrência de ambas as formas de religiosidade nos primeiros séculos, por outro lado, costuma ser analisada de forma isolada, com pouca atenção aos fenômenos religiosos circundantes.

Meu objetivo central na elaboração deste trabalho é buscar compreender, considerando o século II como contexto de surgimento das primeiras grandes expressões textuais do culto cristão fora do ciclo neotestamentário e como momento de grande expansão e conexão cultural entre os romanos provinciais, de que forma aspectos soteriológicos foram percebidos dentro do cristianismo e do culto mistérico de Ísis. A opção pela contraposição de tais aspectos especificamente entre os cultos cristão e isíaco se justifica em decorrência do acesso facilitado às fontes escritas no século II. A análise documental está pautada, num primeiro momento, na realização dos seguintes questionamentos de caráter mais geral: como os devotos de Cristo e de Ísis

compreendiam a salvação? É possível conjecturar semelhanças e diferenças entre ambas as compreensões? A análise considerará como recorte temporal a segunda metade do século II e utilizará majoritariamente os seguintes documentos, ambos redigidos sob a fase final da dinastia dos Antoninos (após 150 EC): o *Diálogo com Trifão*, de Justino Mártir, que servirá como principal apoio para a compreensão da soteriologia dos cristãos do período estudado (e que, embora esboce uma antítese entre visões cristãs e judaicas, serve como referência para noções soteriológicas das primeiras comunidades cristãs); o livro XI do *Asno de Ouro* ou *Metamorfoses*, de Apuleio, no qual as vicissitudes do protagonista e seu apelo verossímil no referido livro possibilitam inferir como a salvação (ou noções assemelhadas) pode ter sido assimilada pelos denominados “isíacos”. Optei pelo culto de Ísis (ao invés de Mitra, Cíbele e outros) em decorrência de ser o único entre os cultos de mistério a ter um testemunho textual coerente descoberto até o momento.

O texto está dividido em três partes: na primeira busco apresentar um panorama do cristianismo e do isismo no século II, com especial ênfase na definição do conceito de *culto de mistério* e a sua possível aplicação ao cristianismo nascente. Na sequência discuto, de forma individual, as considerações sobre a salvação expressas por Justino e Apuleio nas obras mencionadas anteriormente levando em conta, também, algumas de suas particularidades biográficas. Na parte final retomo os resultados das observações e reflito sobre a adesão dos romanos a ambos os cultos.

Traduções livres serão empregadas para citações diretas da historiografia e dos trechos das fontes sempre que necessário, algumas contendo grifos próprios sinalizados para melhor entendimento. Utilizo as traduções para o inglês de P. G. Walsh e de J. G. Griffiths das *Metamorfoses* ao invés das versões existentes em português em razão de as mesmas embasarem trabalhos relevantes já produzidos e se adaptarem às minhas capacidades técnicas e interpretativas. O mesmo raciocínio se aplica na utilização da tradução de T. B. Falls, também para o inglês, do *Diálogo com Trifão*. A metodologia para o trabalho com os trechos das fontes provém de Ennio Sanzi em seu livro *Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano: métodos e perspectivas metodológicas* (Educe, 2006), no qual chama a atenção para o cuidado necessário ao se empregar análises dentro da área de História das Religiões, devendo as mesmas serem sempre

ancoradas rigorosamente em técnicas indutivas e analógicas no estudo de eventos relacionados dentro de um mesmo contexto com o objetivo de constituir efetivamente uma pesquisa histórico-comparativa ou histórico-religiosa. É necessário compreender Justino e Apuleio como pertencentes a um mesmo contexto histórico e geográfico no qual as identidades religiosas públicas e privadas se expressavam e, provavelmente, interagiam.

As análises permitem perceber que cristianismo e isismo, por seu caráter popular, fornecem importantes subsídios para a reflexão historiográfica uma vez que se difundiram e conseguiram adeptos em um contexto cada vez mais repleto de percepções religiosas que se relacionavam e influenciavam mutuamente. Um exemplo seria a alegada influência da iconografia de Ísis amamentando Harpócrates sobre as representações da Virgem Maria com o menino Jesus (Alvar e Martínez Maza, 1995, p.534), motivo artístico de momentos mais tardios da história romana que pode levar à ideia (acertada ou não) de que o cristianismo foi mais influenciado pelo culto de Ísis ao longo dos séculos do que geralmente se poderia pensar. Mesmo que não seja possível dizer com certeza qual culto influenciou mais o outro, o exercício de contrapor noções pertinentes a ambos é válido para perceber a pluralidade religiosa do século II de forma mais panorâmica. Espera-se, ao final, ser possível elucidar como as nuances analisadas podem contribuir para o estudo de características culturais do Império Romano para além de aspectos políticos e/ou econômicos.

Considerações sobre a religião romana e suas conexões com o cristianismo, o isismo e os mistérios no século II

Após o principado de Augusto (27 AEC - 14 EC) o mundo romano passou por intensas mudanças culturais, econômicas e políticas ao mesmo tempo em que ainda vigorava a *Pax Romana*. O Império dos séculos I e II, talvez justamente porque palco de eventos de impacto moderado (o incêndio de 64 e a Revolta de Bar Kochba em 135, por exemplo), mostrou-se bastante propício para o aparecimento de toda sorte de manifestação considerada religiosa. A isso soma-se uma relativa autonomia das cidades sob o jugo romano, que dialogavam politicamente com a capital e a possuíam como ponto de referência importante (inclusive com a popularização do culto de Júpiter,

divindade maior, principalmente em sua variante *Optimus Maximus*) dentro de um cenário mais amplo de linguagem religiosa comum, isto é, de uma disseminação de crenças oriundas de Roma e da pretensão de se invocar os deuses de cada cidade conquistada para proteção do imperador e do Império (Van Andringa, 2007, p.84), configurando uma conexão interdependente entre os ideais religiosos da metrópole e das províncias.

A expressão singular *religião*, entretanto, parece não ser absoluta e nem comportar de forma satisfatória todo o universo simbólico, ritual e mítico nos quais a vida cotidiana, política e militar estava envolvida. A noção de uma obrigação religiosa para com os deuses foi objeto de reflexão ainda na Antiguidade. Para Plutarco de Queroneia, por exemplo, a “religião” era uma espécie de ideia unificadora para a qual confluíam os interesses e as verdades comuns aos esforços religiosos humanos (Hirsch-Luipold, 2021, p.24). Na contemporaneidade, por outro lado, o termo é empregado por historiadores, arqueólogos, teólogos e outros especialistas de forma generalizada e com caráter didático, muitas vezes como artifício para aproximar o passado romano com a forma como os fenômenos religiosos podem vir a ser percebidos pelos leitores atuais (adeptos ou não), principalmente em termos de sistemas de crenças ou moralidade (North, 2007, p.341). Foram também os acadêmicos que comumente compreenderam que foi o cristianismo quem criou a ideia de uma religião única e separada da vida social, relegando as demais fés ao campo da heresia e da ilegitimidade (Rüpke, 2011, p.185).

Neste artigo trabalharei majoritariamente (mas não exclusivamente) com a noção de *culto*, compreendendo-o como um conjunto de práticas onde crenças e rituais com fins religiosos (ou seja, com o objetivo de se obter benesses de qualquer tipo) se expressam dentro do grande arcabouço da “religião romana”, aí incluídos os cultos tradicionais, o cristianismo e os cultos de mistério. No caso dos mistérios Walter Burkert (1992) talvez tenha sido o autor mais importante em termos de elaborar uma definição:

[...] cerimônias de iniciação, cultos onde a admissão e a participação dependem de algum ritual pessoal, a ser executado sobre o iniciante. Esse caráter de exclusividade é acompanhado pelo segredo e, na maioria dos casos, por um cenário noturno (p.20).

Burkert considera também que, embora divindades como Mitra, Cibele, Ísis, Átis e muitas outras fossem opções possíveis dentro de um cenário mais amplo, seus cultos místéricos não podem ser considerados (ou ao menos não o são por parte dos estudiosos) como pré-determinantes do surgimento do cristianismo e que utilizá-lo como ponto de referência (amiúde de forma única) pode vir a dificultar a identificação de suas diferenças (p.16). Isso se coloca contra a noção de um “sincretismo monoteísta” uma vez que o cristianismo se integrou consideravelmente ao politeísmo pertinente à maior parte da população do Império (Alvar, 2001, p.38). O mesmo poderia ser pensado em relação às influências que os mistérios teriam exercido sobre o cristianismo.

Mesmo não sendo considerados como causa ou consequência interdependentes, a historiografia por vezes chamou a atenção para a ideia de que o cristianismo e os cultos de mistério podem ter entrado em contato e se influenciado mutuamente. A alegação não é simples e parte do pressuposto de que o Império, em sua dimensão cultural, teria sido propício para o contato e apropriação de práticas entre ambas as formas de religiosidade. Essas suposições fizeram com que estudiosos comparatistas do início do século XX relacionassem elementos cristãos com práticas de mistérios populares como Mitra (a instituição da eucaristia advindo da alimentação mútua entre os mitraicos) e Ísis (o sofrimento e morte do irmão e marido Osíris como origem da paixão de Cristo) (Alvar e Martinez Maza, 1995, p.517).

Nos debates empreendidos nas últimas décadas, por outro lado, os empréstimos são compreendidos como oriundos de tradições mais antigas (com o batismo cristão, por exemplo, se originando de ritos de purificação judaicos) e enfatiza-se também que as semelhanças e diferenças entre ambos os cultos foram notadas por “pagãos” e cristãos respectivamente já na Antiguidade, principalmente à partir do século II (Bremmer, 2014), esboçando reações de estranheza em um primeiro momento. Um exemplo desse postulado é Plínio, o Jovem, que observando o comportamento dos cristãos na Bitínia e relatando diretamente ao imperador Trajano no início do referido século, escreveu sobre o caráter aparentemente soturno dos cristãos:

[...] Eles (os cristãos) também declararam que todos os seus erros ou culpas não passavam do seguinte: encontravam-se com regularidade antes do amanhecer em um dia fixo para cantar versos alternados entre si em honra a Cristo como se fosse um deus e também para se comprometerem através de um juramento, não com o intuito de cometer crimes, mas sim para que não praticassem roubo, furto ou adultério e nem quebrassem a confiança entre eles ou negassem um depósito quando chamados a fazê-lo [?]. Após a realização dessa cerimônia possuíam o costume de se dispersar e se reunir novamente depois para comer comida de tipo comum e inofensivo; Eles, porém, teriam de fato cessado de realizar tais coisas desde meu édito, expedido sob suas ordens, através do qual foram proibidas todas as sociedades políticas [...] (Ep. 10.96.7).

Certamente a descrição de Plínio combina com parte da definição de Burkert no que concerne a um cenário noturno (ou oculto), encontros secretos (as “sociedades políticas” de acordo com a tradução utilizada, embora seu significado não esteja totalmente claro) e uma espécie de rito iniciático (o que se pressupõe que fosse necessário para a participação nas refeições comunais). O cristianismo, todavia, não poderia ser considerado um culto de mistério por excelência uma vez que nestes havia uma diferenciação clara entre iniciados e não-iniciados em termos de superioridade e hegemonia moral, característica que simularia a estratificação social romana através da existência de cargos e graus definidos (Alvar, 2001, p.101), o que parece não ter sido comum entre os cristãos, ao menos não entre as primeiras comunidades. Ressalto também que o relato de Plínio, mesmo referindo-se à Bitínia, não necessariamente se aplica aos cristãos de todos os territórios do Império, ainda que ajude a compreendê-los globalmente.

Se espalhando pelas províncias com algum vigor, o culto cristão não demoraria muito a conseguir mais adeptos ou continuar a chamar a atenção de praticantes da religiosidade greco-romana tradicional. Isso talvez se explique devido à preocupação dos cristãos com a salvação (tal noção será retomada posteriormente), que contrastava consideravelmente com a crença comum entre os antigos de que a religião serviria apenas para obter benesses no “aqui e agora” como lembra Ehrman (2000, p.24).

No século II, de maneira geral, os movimentos cristãos podem ser categorizados como ortodoxos ou de tipo gnóstico. Os cristãos ortodoxos, que Lynch (2010, p.62) prefere chamar de *proto-ortodoxos*, parecem ter sido mais comuns em Roma e nas

províncias durante todo esse período (acredito que Lynch os denomine assim em decorrência de se situarem cronologicamente antes dos grandes concílios ecumênicos do século IV em diante, cuja importância segue até o presente).

Gnósticos como Valentino ou Basilides, imbuídos da pretensão de possuírem conhecimentos secretos e interpretações diferentes do que poderia vir a ser considerado “canônico” até o momento, em complemento, fundaram movimentos (sendo o do primeiro o mais influente, inclusive produzindo evangelhos) que propiciaram uma possibilidade de adesão à formas de cristianismo radicalmente diferentes da ortodoxia de então, que tentava se manter unida através do estabelecimento de um processo de definição de textos e bispos relativamente padronizado (Siker, 2000). Considerando essa pluralidade, alguns autores preocuparam-se em relacionar os postulados cristãos (verdade, salvação, natureza de Deus) com os diferentes tipos de correntes filosóficas vigentes no período (platonismo, estoicismo, entre outros). Lörh (2017), por exemplo, postula que é possível ao historiador enxergar a teologia cristã (ele recorda também de que a ideia de “teologia” é contemporânea) como parte integrante do meio intelectual mais abrangente da época, possuindo características de racionalidade próprias. Os adeptos do cristianismo poderiam encará-lo, simultaneamente ou não, tanto como religião quanto como filosofia (no sentido de conduta da vida como já preconizavam os primeiros filósofos gregos).

Tais particularidades do cristianismo, inclusive, não deixaram de chamar também a atenção de figuras da intelectualidade romana, a exemplo de Epiteto e Galeno (Gathercole, 2017), ao passo que os cristãos também reagiram ao meio intelectual do Império no segundo século, mesmo que não seja possível saber em que medida as rivalidades intelectuais foram correspondidas (Wendt, 2020, p.101). Em termos similares quanto à percepção de cultos estrangeiros se coloca o apontamento feito por Beard, North e Price (1999) de que as “religiões orientais” (o cristianismo em particular, como se tem falado) foram compreendidas pelas elites políticas romanas dos dois primeiros séculos como *superstitio*, uma deturpação no modo de realizar os cultos romanos tradicionais, ao passo que a elas se opunha a *religio*, práticas religiosas oficiais do Estado com vistas à obter favores dos deuses.

A expressiva oposição entre as ideias de *religio* e *superstitio*, em conjunto com as demais críticas e percepções das elites intelectuais e políticas mencionadas pelos autores, permite postular que os grupos cristãos do Império passaram a povoar, ainda que em grau variado, a mentalidade de parte da população romana até a nomeação como religião oficial do Estado no século IV. Essa atenção também foi compartilhada com outros cultos populares, sendo um exemplo o culto mistérico de Ísis.

O registro egípcio mais antigo dessa deusa (e também de muitas outras divindades da longuíssima história faraônica) está nos Textos das Pirâmides, feitiços e encantamentos eternizados nas paredes dos recintos derradeiros de alguns reis e rainhas que governaram entre a V e VII dinastias no final do Reino Antigo (c. 2686 - 2181 AEC), cuja escrita e recitação acreditava-se permitir ao governante falecido obter a imortalidade junto aos deuses (David, 2011, p.132-133). Neles Ísis, após o assassinato de Osíris por Seth na esfera mítica (a versão mais completa do mito provém do já mencionado Plutarco no século II, ainda que helenizada), procura pelo irmão falecido e utiliza de seus atributos mágicos para salvar o corpo do faraó morto da putrefação da mesma forma que fez com seu cônjuge, de forma que suas características maternais e mágicas se incorporaram à sua figura ao longo da história faraônica e também no mundo grego onde, a partir da segunda metade do primeiro milênio AEC, passou a ser assimilada com várias divindades (mais reconhecidamente com Deméter, figura importante nos mistérios de Elêusis) e a receber funções como protetora da boa navegação, da agricultura e como consoladora dos destinos dos homens (Pinch, 2000, p.150-151).

O culto de Ísis se estabeleceu na Península Itálica no final do século II AEC em Puteoli e Pompeia, ambas recebendo templos dedicados à deusa em 105 e 80 AEC respectivamente (Bowden, 2010, p.161). Sua chegada à Roma na época de Sula (por volta de 100 AEC) foi marcada pelo aparecimento dos pastóforos, sacerdotes específicos do culto, despertando reações diversas entre os romanos praticantes dos cultos tradicionais uma vez que incluía uma expressiva participação de mulheres em ritos secretos (Soares, 2016, p.377). Essas características e reações ao culto se mantiveram, com alguma instabilidade, pelo menos ao longo dos dois primeiros séculos

do Império, sendo difícil falar de um caráter místico de fato (sem exibições totalmente públicas) antes do início do século II (Bremmer, 2014, p.116).

No âmbito do segundo século as evidências arqueológicas e textuais (menos comuns) sugerem uma expansão considerável do culto, que acabou por atrair de forma notável a atenção da corte imperial. Um exemplo é Marco Aurélio, que inclusive estimulou a cunhagem de moedas com motivos isíacos e de outros deuses egípcios (Takács, 1997, p.112), o que reforça a bem sucedida inserção de Ísis no panteão romano nesta época e tornando-a uma opção viável para a escolha de diversos grupos sociais.

Woolf (2014, p.70), em complemento, pontua que as competições entre diferentes religiões no mundo greco-romano não podem ser percebidas como fenômenos encerrados em si próprios e que o meio em que se desenvolveram exerceu considerável influência em termos de hierarquia, novidade e preceitos universais. Ísis, nesse contexto, se adaptou aos desígnios de parte importante da população romana através de suas características soteriológicas e pode ter sido a “[...] rival mais próxima do cristianismo nos primeiros séculos do primeiro milênio EC” (Pinch, 2000, p.151).

Uma vez que ambos os cultos se adaptaram e foram adaptados de fato e, justamente pela soteriologia, podem ter “competido” por adeptos, faz-se necessário apontar caminhos possíveis para o que pode ser considerado *salvação* de uma maneira mais geral. Burkert (1992), novamente, ainda é relevante como ponto de partida:

[...] na perspectiva das “religiões de salvação”, a preocupação e as doutrinas sobre a alma deviam constituir o próprio centro de interesse; no entanto, na documentação, dificilmente se encontra sequer um débil indício nesse sentido, seja nos mistérios de Elêusis, de Dioniso, de Meter, Ísis ou Mitra. Os mistérios antigos constituíam uma forma de religião pessoal, mas não necessariamente espiritual (p.97).

A antítese entre pessoal e espiritual é lembrada com frequência pela historiografia no que tange aos benefícios concedidos aos praticantes dos cultos de mistério ou do cristianismo. Tais noções, entretanto, têm sido revistas ou ampliadas uma vez que a documentação existente permite interpretações dos mais diversos tipos e pode variar a depender do período para o qual se está olhando. A noção de *soteria* (σωτηρία) é oriunda do mundo helênico do século V AEC e pode ser compreendida, de forma

concisa, como benefícios concedidos por deuses a um indivíduo ou a um grupo em termos de saúde, prosperidade material e vitórias militares, quase exclusivamente em sentido terreno, sendo este último um atributo encontrado geralmente relacionado à palavra latina *salus* (Jim, 2017). As divindades cultuadas nos mistérios podem ser consideradas as principais propiciadoras do binômio *soteria/salus* entre os romanos durante o Império.

Essa forma de enxergar a recompensa da salvação, bem consolidada na esteira do pensamento de Burkert, acaba por se relacionar também com as concepções do cristianismo, mais preocupado com o transcendental. Entre os cristãos, ao menos entre os proto-ortodoxos, pode-se pensar em uma *soteria* baseada na crença de uma tendência da vida humana a um estado permanente de bem-aventurança permitido por Deus, renunciando qualquer outro pensamento ou doutrina no caminho (Herrero de Jáuregui, 2022, p.414). Essa exclusividade permitiria ao adepto evitar a condenação, através da boa observância, e preocupar-se apenas em se abster das coisas ou recompensas desse mundo, que não se comparariam a uma existência eterna ao lado de Cristo.

As maneiras de demonstrar concepções soteriológicas, ainda que nem de longe esgotem o estudo da “religião” antiga (Fredriksen & Shepardson, 2024, p.221) pelo historiador contemporâneo, permitem aventar uma possibilidade de compreensão global do cenário religioso que se expressou através de importantes testemunhos literários. No caso do segundo século, no qual uma grande quantidade de percepções religiosas coexistiam por todo o Império, torna-se natural ponderar sobre como alguém poderia vir a se tornar adepto de um culto ou outro.

Penso ser pertinente a realização dos seguintes questionamentos: Como esse aspecto se manifestava no cristianismo e no culto de Ísis? Seria a salvação o principal aspecto a ser considerado por um indivíduo para buscar aderir a qualquer um dos cultos? Talvez uma análise das concepções de dois dos mais importantes escritores a respeito de ambos os cultos, Justino Mártir e Apuleio de Madaura, possa elucidar um pouco mais o entendimento da soteriologia entre os romanos no século II.

Justino Mártir, Apuleio e a salvação pela crença em Cristo e em Ísis

Justino, talvez o mais importante entre os primeiros apologistas filósofos de escrita grega, nasceu em Flavia Neapolis no início do século II e escreveu seu trabalho mais reconhecido, a *Apologia*, sob Antonino Pio (endereçando a mesma a ele e seus filhos, sucessores do trono) por volta de 156, havendo incertezas quanto ao gênero ou à existência de uma “segunda apologia” como apêndice da “primeira” (Grant, 1988, p. 150-155). Sua outra obra relevante, o *Diálogo com Trifão*, doravante apenas *Diálogo*, também pode ser mapeada de forma aproximada entre 155 e 160 EC, provavelmente em seus últimos dias de vida quando passou a morar em Roma (Lang, 2015, p.165), caminho seguido por muitos intelectuais com o objetivo de chamar a atenção do imperador e de outras autoridades para obter privilégios e isenções para si e para comunidade da qual fazia parte (Secord, 2020, p.48).

Em seu *Diálogo*, Justino expressa um aparente desejo de ver os preceitos cristãos, assim como ele os entendia, servirem como contraste ao judaísmo de seu tempo, representado no texto pelo judeu Trifão. Há dúvidas entre os estudiosos, entretanto, sobre para qual público o *Diálogo* realmente teria sido composto. Young (1999, p.84) propõe que a chance de ser um relato verdadeiramente histórico de uma discussão entre um judeu e um cristão é remota, sendo os próprios cristãos o público mais provável para o qual o escrito teria sido pensado e direcionado. Den Dulk (2018, p.43-46), em concordância, lembra sobre as condições instáveis de transmissão de textos no mundo romano (geralmente com poucas cópias e dentro do meio de convivência do autor) e que o *Diálogo*, em decorrência de suas longas citações da LXX, teria sido menos preferível para circulação entre uma audiência não-cristã, sugerindo também a possibilidade de os cristãos do círculo próximo de Justino terem divulgado os argumentos do texto entre gregos e romanos interessados.

Penso que a hipótese da circulação entre “pagãos” com objetivos apologeticos não esteja totalmente descartada mesmo em face dos argumentos sustentados em favor de uma audiência inerentemente cristã. O próprio Justino menciona ao findar da obra a pretensão (histórica e teológica) de que as bênçãos de Cristo estarão disponíveis para os “[...] homens de todas as terras, sejam escravos ou livres [...]” que estiverem dispostos a reconhecer a verdade cristã e a dos profetas (*Dial.* 139.5). De tal maneira ele também

crítica em momentos distintos os mistérios (ou a narrativa mítica em si) de Dioniso (*Dial.* 69.2) e de Mitra (*Dial.* 70.1), o que leva a especular sobre sua interação e conhecimento do meio religioso circundante com o qual desejava contrastar a sua noção de verdade (= cristianismo). Levando esses dados em consideração, é plausível supor que o *Diálogo* pode ter sido pensado (embora isso possa não ter sido concretizado) como uma espécie de propaganda que deveria atingir um público amplo constituído de cristãos, de judeus e, de maneira similar, de greco-romanos praticantes dos cultos tradicionais ou dos cultos de mistério.

Nesse intento, um aspecto importante que demonstraria a maior novidade trazida pelo recente cristianismo e que pode ter sido um dos principais responsáveis por atrair adeptos para o culto reside na argumentação que ele constrói acerca do que significa ser salvo e sobre quem efetivamente poderá obter esse benefício. Essa argumentação não segue uma lógica linear, aparecendo de forma fragmentada em vários trechos da obra sem muita interdependência entre os excertos uma vez que o contraste com as práticas judaicas parece ser realmente o objetivo principal de Justino (ainda que não se limite a tal finalidade). Ele alude, num primeiro momento, a uma salvação da alma (*Dial.* 8.2), porém não elabora sobre e nem retorna ao tema, talvez por querer se afastar das concepções do platonismo e de outras escolas filosóficas com as quais teria entrado em contato antes de se converter (Grant, 1988, p.51).

O pensamento salvífico de Justino consiste, efetivamente, no reconhecimento do advento do mistério de Cristo (*Dial.* 44.2) ou, ainda, de um “[...] mistério de salvação, isto é, a Paixão de Cristo [...]” (*Dial.* 74.3). É através da linguagem do *mistério* (a semelhança com os cultos já abordados não deve ser acidental) que Justino alerta sobre a necessidade de se entender a morte e eventual ressurreição de Cristo como cumprimento da história e das escrituras (Lang, 2015, p.177), sendo esse aspecto o responsável por proporcionar a salvação a todo aquele que o aceitar.

A essência dessa soteriologia pode ser compreendida como uma antítese enfática entre recompensa e condenação: “[...] Nós (cristãos) rezamos, também, para que você (Trifão) acredite em Jesus Cristo e, dessa forma, em sua segunda vinda triunfante, consiga se salvar e não ser condenado por ele ao fogo do inferno” (*Dial.* 35.8). Tais

indícios de crença em uma salvação no plano escatológico, ou seja, em uma segunda vinda do Cristo ressuscitado, ganham mais solidez nas seguintes passagens:

Mas nós, cristãos, porque nos recusamos a oferecer sacrifícios àqueles que antes adorávamos, sofremos as punições mais severas e até nos alegamos em suportar a pena de morte, porque cremos que um dia Deus nos ressuscitará através de Cristo e nos libertará para sempre da corrupção, da dor e da morte [...] (*Dial.* 46.7).

Pois os cristãos foram instruídos a oferecer apenas tais orações, mesmo ao agradecer pela comida, tanto líquida quanto sólida, através das quais a Paixão que o Filho de Deus suportou por nós é comemorada [...] (*Dial.* 117.3).

Justino compreende, de forma insistente nos trechos analisados, uma *soteria* que ocorrerá puramente *neste mundo* e especificamente na segunda vinda de Cristo. Para evitar a condenação o cristão deve reconhecer a veracidade da narrativa da Paixão (ainda que, sendo um mistério, não a compreenda totalmente), ser obediente no oferecimento de orações, na prática da comensalidade e na fidelidade ao Cristo que ressurgirá, cujo reino eterno na segunda vinda será construído de forma terrena e terá como súditos aqueles ressuscitados (ênfase especial no fato de que se deve obrigatoriamente ter morrido na carne uma vez) e tornados incorruptíveis e imortais por ele, condenando aos infernos todos os que não se encaixarem nessa forma final de piedade divina. A escatologia empregada por Justino no *Diálogo* parece englobar ações permitidas por Deus e executadas por Cristo, uma sintonia entre agentes divinos que não encontra paralelos visíveis em outros cultos no mundo romano.

Interessante como contraste é o caso do culto de Ísis, ao menos da forma como foi transmitido por Apuleio, cujo nascimento se deu por volta ou depois do ano 120 em Madaura, norte da África. Estudou em Cartago e em Atenas antes seguir carreira como orador, tendo demonstrado interesses diversos que culminaram na escrita das obras *Apologia* (na qual atua como advogado ao defender a si mesmo da acusação de ter usado magia para corromper sua companheira, com algum respaldo histórico), *Florida* (um apanhado de trechos de vários discursos e reflexões sobre os escritos de Platão) e *Metamorfoses* ou o *Asno de Ouro*, seu trabalho mais influente e a novela latina mais completa a sobreviver, assim como escritos menos importantes e incompletos sobre aritmética, medicina e outros assuntos, prolificidade comum a escritores de seu tempo

(principalmente gregos) que fez com que fosse enquadrado muitas vezes dentro da Segunda Sofística, uma combinação de escritos públicos e privados permeados de erudição com o objetivo de acumular conhecimento (Gibson, 2005, p.78).

Não há consenso entre os acadêmicos sobre a data exata de escrita das *Metamorfoses*, sendo comum sugerir algo entre 160 e 170 EC, perto do fim da vida de Apuleio (Santos, 2021, p.41). Bradley (2012, p.93) propõe como público-alvo os “ocidentais”, pessoas versadas na tradição retórica e literária de Roma capazes de identificar expressões idiomáticas familiares utilizadas por Apuleio e que, tal como no provável caso de Justino, devem ter entrado em contato com o texto através de poucas cópias oriundas de seu círculo social próximo.

A obra, dividida em onze livros, apresenta-se como uma espécie de representação fictícia de evolução da magia – exemplificada na transformação do protagonista Lúcio em asno em decorrência de sua curiosidade ao se envolver com a escrava Fótis – para a religião – simbolizada na intervenção miraculosa de Ísis no último livro ao devolver à Lúcio sua forma humana (Zeitlin, 2008, p.95). Tendo em vista as dimensões religiosas da obra é possível também que Apuleio, sendo um iniciado em diversos cultos de mistério e curioso a respeito de muitos assuntos tal como o próprio Lúcio (ainda que não necessariamente tenha se projetado nele), tenha escolhido o asno (provavelmente relacionado a uma forma de vida inferior em virtude de seus atributos físicos) para satirizar os cristãos uma vez que parece ter sido corrente no segundo século a acusação de que os mesmos adoravam um “homem-asno” (Ramelli, 2013).

Isso faz sentido ao se considerar que Cartago, assim como outras cidades importantes, foi um dos principais centros de estabelecimento do cristianismo nesse período, sendo quase impossível que Apuleio, que lá esteve por parte importante de sua vida, não tivesse entrado em contato com o então novo culto de alguma forma (Bradley, 2012, p.187), mesmo não mencionando Cristo ou os cristãos diretamente em nenhum momento. Outra sugestão para a transformação específica em asno reside no fato de que, no mundo greco-romano, este animal era comumente relacionado à luxúria, sexualidade e à Seth-Tífon (o nome grego provém, novamente, de Plutarco), inimigo mortal de Ísis (Frangoulidis, 2008, p.174), fator que explicaria a salvação oferecida pela

deusa ao protagonista no último livro. Essas prováveis correlações são interessantes do ponto de vista historiográfico pois permitem postular que, tal como Justino, Apuleio estava à par das tendências religiosas de seu tempo (inclusive do mito osiríaco evocado pelo culto) e respondeu a elas.

Esses postulados são reforçados por Smith (2023, p.92), que sugere que as *Metamorfoses* foram elaboradas por Apuleio como propaganda do culto de Ísis, especialmente em resposta ao meio judaico-cristão e aos escritos apologéticos (como os do próprio Justino, que provavelmente sabia da existência do culto de Ísis mesmo não a citando ao relatar seus descontentamentos com os mistérios). Concordo com Smith no que concerne à um objetivo propagandístico uma vez que Apuleio parece fazer um aceno a isso ao descrever a iniciação do protagonista Lúcio nos mistérios isíacos:

Você, leitor atento, talvez esteja ansioso para saber o que foi dito e feito naquela ocasião. Eu lhe contaria, se assim fosse permitido; você ficaria sabendo de tudo, se lhe fosse permitido ouvir. Mas tanto o ouvido quanto a língua incorreriam em igual culpa por essa curiosidade ousada. No entanto, talvez você esteja atormentado por um desejo religioso, por isso não vou torturá-lo com uma angústia prolongada. Ouça, então, mas acredite, pois meu testemunho é verdadeiro. Cheguei perto da fronteira da morte e, pisando no limiar de Proserpina, fui transportado através de todos os elementos, retornando em seguida. Na calada da noite, vi o sol brilhando com uma luminosidade intensa. Aproximei-me dos deuses de cima e dos deuses de baixo e os adorei face a face. Eis que relatei coisas sobre as quais você deve permanecer na ignorância, mesmo que as tenha ouvido. Assim sendo, contarei apenas o que pode ser revelado sem culpa para o entendimento dos não iniciados (*Met.* XI.23).

Nessa passagem, sem dúvidas a mais emblemática de toda a obra, Apuleio apresenta um desejo aparente de manter o suspense de propósito para que o leitor se interesse pelos mistérios de Ísis e busque tornar-se um iniciado. A descrição, como é comum dos mistérios, não explicita o que de fato foi feito no ritual de iniciação e sua linguagem provocativa pode ser compreendida como um poderoso instrumento de persuasão.

O cerne do livro XI, no entanto, é a já mencionada soteriologia dispensada pela benevolente Ísis ao asno Lúcio, atributo que, em conjunto com o relato místico de iniciação, aparenta ter sido enfatizado propositalmente por Apuleio em sua provável

empreitada propagandística. A soteriologia contida nas *Metamorfoses* é há muito investigada na historiografia e, portanto, cabe aqui apenas um pequeno reexame de alguns trechos que evidenciam as percepções do autor e uma possível aplicabilidade no culto isíaco de modo geral. Esse aspecto é bem explicado por Sanzi (2006) da seguinte forma:

E assim o culto isíaco, um culto que, recordamos, não nasce, mas torna-se mistérico, parece haver ofertado tanto as garantias de sucesso para aos seus iniciados durante suas vidas como uma garantia para uma condição privilegiada e reservada no além-túmulo. Uma *salus*-saúde e uma *salus*-salvação, portanto, que interessava tanto a vida do iniciado quanto sua sobrevivência no *post mortem*”(p.108).

A dicotomia saúde-salvação, igualdade de sucesso na vida terrena e no além, se relaciona com uma dualidade diretamente proporcional de ações do fiel e da deusa, esta última mantendo autonomia em todos os momentos do processo. É a própria Ísis, por exemplo, quem decide salvar Lúcio no assim denominado por ela “dia da salvação” (*Met.* XI.5) ao prometer devolver-lhe a forma humana, alertando sobre a compensação que espera do beneficiado:

Mas lembre-se especialmente, e mantenha sempre guardado no fundo de seu coração, que o restante de sua vida, até o limite de seu último suspiro, será dedicado a mim. [...] Viverá, de fato, como um homem feliz, viverá cheio de glória sob minha proteção e, quando tiver completado o tempo de sua vida, descerá ao mundo inferior, mas lá também, no meio do hemisfério subterrâneo, frequentemente me adorará, a quem agora vê, como alguém que o favorece, brilhando na escuridão do Aqueronte e governando nas profundezas do Estige, enquanto você habitará os Campos Elíseos. Mas se, com serviço diligente, tendência religiosa e castidade constante, você for digno de minha divindade, saiba que somente eu tenho o poder de prolongar sua vida para além do período determinado por seu destino” (*Met.* XI.6).

O diálogo com as crenças gregas é notável e mais uma vez denota a amplitude cultural de Apuleio, principalmente ao inserir Ísis dominando o Hades. Percebe-se também a insistência na ideia de que a castidade e a obrigação para com os serviços religiosos são requisitos indispensáveis para a manutenção e permanência do caráter duplo da salvação. Entretanto, Apuleio também lembra que Ísis, da mesma forma que concede, aparenta possuir o poder de reverter ou mesmo impedir as bênçãos:

Pois os portões do inferno e a garantia da vida estavam igualmente no poder da deusa, e o próprio rito de dedicação era realizado na forma de uma morte voluntária e de uma vida obtida pela graça. De fato, a deusa estava acostumada a escolher pessoas que estavam perto do fim de suas vidas, no limiar do fim da luz, mas que, apesar disso, podiam ser confiadas com segurança aos poderosos mistérios da fé. Por meio de sua providência, ela as fez nascer de novo de alguma forma e as colocou mais uma vez no curso de uma nova vida. Portanto, era meu dever também aceitar o comando do céu, embora eu já tivesse sido nomeado e destinado ao serviço abençoado pelo favor especial e manifesto da grande divindade." (*Met.* XI.21)

A Ísis de Apuleio, talvez refletindo um modelo histórico mais amplo de culto para além das licenças poéticas da obra (principalmente a figura do asno, aparente metáfora para o sofrimento humano), possui relacionadas à si capacidades salvíficas terrenas e celestiais de igual maneira e deve ter sido especialmente invocada por pessoas em situação de doença ou morte. Não fica claro o que aconteceria com quem ficasse em “dívida” com a deusa, ou seja, obtivesse algum tipo de benesse e não seguisse fielmente os preceitos do culto, muito embora seja possível inferir pelo trecho anterior que a vida do fiel simplesmente não se prolongaria no além-túmulo. A *salus* que Apuleio esboça, por fim, engloba intensamente e em igual medida benefícios concedidos por Ísis tanto neste mundo (como saúde e vida prolongada) quanto no além (redirecionando presumivelmente a alma do isíaco para estadia eterna nos Elíseos, refletindo a influência do platonismo), cabendo à deusa, tendo por régua a conduta do isíaco, decidir o seu destino.

É possível concluir que Justino Mártir e Apuleio de Madaura estão intrinsecamente relacionados quanto às percepções e expectativas da recompensa da salvação. Ambos compreendem que, sendo obedientes aos preceitos de seus respectivos cultos (orações, comensalidade e fidelidade entre os cristãos e castidade e serviços à deusa no caso dos isíacos), os fiéis podem obter graças ainda neste mundo, com Cristo promovendo uma existência em seu reino terrestre livre de dor, corrupção física e morte em sua segunda vinda (o que denota, portanto, a crença em uma salvação terrena após a ressurreição do corpo em um cenário escatológico) e condenando ao fogo eterno os que não estiverem aptos a tais benefícios, ao passo que Ísis proporciona saúde e sucesso típicos das empreitadas humanas e também possui o poder sobre a vida e a morte. Eles diferenciam-se, por outro lado, no entendimento da continuidade da vida em uma

espécie de Paraíso, com a *salus* de Apuleio relegando a Ísis o papel de mantenedora da existência etérea nos Campos Elíseos, possivelmente expressando aí a sua influência do platonismo, enquanto a *soteria* de Justino parece a rejeitar veementemente.

Enquadro a aproximação entre ambas as concepções de salvação no que Gerd Theissen (2009, p.79) chamou de *sincretismo de superação*, um mimetismo indireto de alguns aspectos entre crenças religiosas distintas com o objetivo de ultrapassarem-se mutuamente através da melhoria dos próprios preceitos e do contraste entre eles. A soteriologia oferecida por ambos os cultos é similar e, em uma situação de competição por adeptos, pode ter sido um aspecto manifestado de forma independente com o objetivo de garantir uma espécie de hegemonia dentro do meio religioso do período.

Conclusão

Considerando o panorama histórico-religioso do Império Romano do século II e as especificidades pertinentes aos autores Justino e Apuleio, argumento que cristianismo e isismo podem ter lançado mão do *Diálogo com Trifão* e das *Metamorfoses*, que considero em maior ou menor medida propagandas dos respectivos cultos (cuja difusão provavelmente se deu através da oralidade ou em um círculo literário mais específico), para atrair fiéis através de suas relacionadas noções de salvação (espiritual/celeste ou pessoal/terrena), aspecto que também acredito ser o mais relevante a ser considerado por quem buscasse aderir a quaisquer uma dessas formas de religiosidade.

Essa proposição não denota uma influência direta de um culto sobre o outro; explica-se, por outro lado, como uma resposta dos autores ao meio cultural que compartilhavam. Isso deve ter sido possível em decorrência das experiências e visões de mundo de Justino e Apuleio, ambos filósofos e potenciais partícipes dos cultos, que conheciam amplamente o ambiente religioso do qual faziam parte e que agiram ativamente dentro das possibilidades oferecidas pelo ambiente histórico-cultural do século II.

Fontes primárias

APULEIO. *O Asno de Ouro*. Traduzido por P. G. Walsh. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. *Metamorfoses, Livro XI*. Edição, introdução, tradução e comentário por J. G. Griffiths. Leiden: E. J Brill, 1975.

JUSTINO MÁRTIR. *Diálogo com Trifão*. Traduzido por T. B. Falls. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2003.

PLÍNIO, O JOVEM. *Cartas, Volume II: Livros 8-10. Panegírico*. Traduzido por Betty Radice. Loeb Classical Library 59. Cambridge, MA. Harvard University Press, 1969.

Bibliografia secundária

ALVAR, Jaime. *Los misterios: religiones “orientales” en el Imperio Romano*. Barcelona: Crítica, 2001.

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome Vol.I: a history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BECK, Roger. “Mystery religions, aretalogy and ancient novel”. In: SCHMELING, Gareth (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden/New York: E. J Brill, 1996. pp. 131-150.

BOWDEN, Hugh. *Mystery Cults of the Ancient World*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

BRADLEY, Keith. *Apuleius and Antonine Rome: historical essays*. Toronto: University of Toronto Press, 2012.

BREMMER, J. N. *Initiation into the Mysteries of the Ancient World*. Berlim: De Gruyter, 2014.

BURKERT, Walter. *Antigos cultos de mistério*. São Paulo: Edusp, 1992.

DAVID, Rosalie. *Religião e magia no Antigo Egito*. Tradução de Ângela Machado. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

DEN DULK, Matthijs. *Between Jews and Heretics: refiguring Justin Martyr 's Dialogue with Trypho*. London/New York: Routledge, 2018.

EHRMAN, B. D. *The New Testament: a historical introduction to the early christian writings*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2000.

FRANGOULIDIS, Stavros. *Witches, Isis and Narrative: approaches to magic in Apuleius' Metamorphoses*. Berlim/New York: De Gruyter, 2008.

GATHERCOLE, Simon. "Christians according to the second century philosophers". In: PETERSEN, A. K; KOOTEN, J. V. (ed.). *Religio-Philosophical Discourses in the Mediterranean World: from Plato, through Jesus, to Late Antiquity*. Leiden/Boston: Brill, 2017. pp. 279-305.

GIBSON, Bruce. "The High Empire: AD 69–200". In: HARRISON, Stephen (ed.). *A Companion to Latin Literature*. Padstow: Blackwell Publishing, 2005. pp. 69-79.

GRANT, R. M. *Greek Apologists of the Second Century*. Philadelphia: The Westminster Press, 1988.

HERRERO DE JÁUREGUI, Miguel. "Back to a classic debate: conversion and salvation in ancient mystery cults?". In: DESPOTIS, Athanasios; LÖRH, Hermut (ed.).

Religious and Philosophical Conversion in the Ancient Mediterranean Traditions. Leiden/Boston: Brill, 2022. pp.407-426.

HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. "Religions, religion, and theology in Plutarch". In: _____; LANZILLOTTA, L. R (ed.). *Plutarch's Religious Landscapes.* Leiden/Boston: Brill, 2021. pp. 11-36.

JIM, T. F. 'Salvation' (*Soteria*) and Ancient Mystery Cults. *Archiv Für Religionsgeschichte*, [s.l.], v. 18-19, n. 1, pp. 255-282, set. 2017.

KING, Charles. The Organization of Roman Religious Beliefs. *Classical Antiquity*, [s.l.], v. 22, n. 2, p. 275-312, out. 2003.

LANG, T. J. *Mystery and the Making of a Christian Historical Consciousness: from Paul to the second century.* Berlim/Boston: De Gruyter, 2015.

LÖHR, Winrich. "Modelling second-century christian theology: christian theology as *philosophia*". In: PAGET, J. C; LIEU, Judith (ed.). *Christianity in the Second Century: themes and developments.* New York: Cambridge University Press, 2017. pp. 151-168.

LYNCH, J. H. *Early Christianity: a brief history.* New York: Oxford University Press, 2010.

MARTÍNEZ MAZA, Clelia; ALVAR, Jaime. "Cultos místéricos y cristianismo". In: ALVAR, Jaime *et al.* *Cristianismo primitivo y religiones místicas.* Madrid: Cátedra, 1995. pp. 515-536.

NORTH, J. A. "Religions in the Roman Empire". In: HINNELS, J. R. (ed.). *A Handbook of Ancient Religions.* New York: Cambridge University Press, 2007. pp. 318-363.

PINCH, Geraldine. *Handbook of Egyptian Mythology*. Santa Barbara, Denver and Oxford: ABC-CLIO, 2002.

RAMELLI, I. E. "Apuleius and Christianity: the novelist-philosopher in front of a new religion". In: PINHEIRO, M. F; BIERL, Anton; BECK, Roger (ed.). *Intende, Lector: echoes of myth, religion and ritual in ancient novel*. Berlim. De Gruyter, 2013. pp. 145-173.

RÜPKE, Jörg. *From Jupiter to Christ: on the history of religion in the roman imperial period*. New York: Oxford University Press, 2011.

SANTOS, E. B. *As representações da deusa Ísis nas obras de Plutarco e Apuleio: as faces de uma divindade e seus cultos (sécs. I e II d.C.)*. 2021. 233 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

SANZI, Ennio. *Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano: métodos e perspectivas metodológicas*. Fortaleza: Eduece, 2006.

SHEPARDSON, Christine; FREDRIKSEN, Paula. "Jews and christians in pagan antiquity: from the first through the third centuries". In: LONGENECKER, B. W; WILHITE, D. E (ed.). *The Cambridge History of Ancient Christianity*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2024. pp. 199-228.

SIKER, J. S. "Christianity in the second and third centuries". In: ESLER, P. F. (ed.). *The World of Early Christians*. New York: Routledge, 2000. pp. 231-257.

SMITH, W. S. *Religion and Apuleius' Golden Ass: the sacred ass*. New York: Routledge, 2023.

SECORD, Jared. *Christian Intellectuals and the Roman Empire: from Justin Martyr to Origen*. University Park, PA: Pennsylvania University Press, 2020.

SOARES, H. P. A difusão do culto isíaco no Mediterrâneo antigo: uma análise da obra *Metamorphoses* de Apuleio de Madaura (Século II). *Revista de História da UEG*, v. 5, n. 2, pp. 370-390, dez. 2016.

TAKÁCS, S. A. *Isis and Sarapis in the Roman World*. New York: Brill, 1995.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

TURCAN, Robert. *The Gods of Ancient Rome: religion in everyday life from archaic to imperial times*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

VAN ANDRINGA, W. "Religions and integration of cities in the Empire in the second century AD: the creation of a common religious language". In: RÜPKE, Jörg (ed.). *A Companion to Roman Religion*. Singapore: Blackwell Publishing, 2007. pp. 83-95.

WENDT, Heidi. "Christians as and among writer-intellectuals in second-century Rome". In: SNYDER, G. H (ed.). *Christian Teachers in Second-Century Rome: schools and students in the ancient city*. Leiden/Boston: Brill, 2020. pp. 84-108.

WOOLF, Greg. "Isis and the evolution of religions". In: BRICAULT, Laurent; VERSLUYS, M. J. (ed.). *Power, Politics and the Cult of Isis: Proceedings of the Vth International Conference of Isis Studies, Boulogne-sur-Mer, October 13-15, 2011*. Leiden/Boston: Brill, 2014. pp. 62-92.

YOUNG, Francis. "Greek apologists of the second century". In: EDWARDS, Mark; GOODMAN, Martin; PRICE, Simon (ed.). *Apologetics in the Roman Empire: Pagans, jews and christians*. New York: Oxford University Press, 1999. pp. 81-104.

ZEITLIN, Froman. "Religion". In: WHITMARSH, Tim (ed.). *The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. pp. 91-108.